



A TV Digital e as Novas Possibilidades de Interatividade.

Pollyanna Bastos¹

Profa. Dra. Maria Ataíde Malcher(orientadora)²

Resumo

No contexto atual da cultura digital um novo veículo surge com a possibilidade de transmitir conteúdos interativos e adequados às realidades locais, através de suportes fixos (televisão) e móveis (celulares e *palmtops*). A TV digital começou a ser transmitida no Brasil em dezembro de 2007, entretanto, nesse primeiro momento, não foram apresentadas mudanças em termos de conteúdo, apenas no padrão de imagem. Portanto, para que a TV digital não se restrinja a melhoria da qualidade técnica ou à reprodução da programação da TV analógica, é necessário refletir sobre como utilizar as ferramentas da TV digital para a elaboração de novos formatos de programas, que além de mais adequados à dinâmica desse novo veículo, permitam a interação com o usuário. Este artigo pretende apresentar reflexões iniciais acerca desse novo panorama televisivo.

Palavras-chave: TV digital; interatividade; conteúdo; cultura digital.

¹ Pollyanna Bastos Peixoto é aluna do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: pollyannabastos@yahoo.com.br

² Maria Ataíde Malcher é professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, coordenadora do Projeto de Pesquisa fomentado pelo CNPq, Ciência e Comunicação na Amazônia CIECz www3.ufpa.br/ciecz; coordenadora Academia Amazônia- produtora universitária de produtos audiovisuais e líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Pesquisa em Audiovisual e Cultura-GPAC. E-mail: aataide@ufpa.br



“Todas as grandes inovações na história da produção iniciam como exibição de qualidades de realização de tipo técnico – poder fazer, o que antes não se conseguia nem mesmo conceber – mas depois de um primeiro momento de experimentação, afinamento tecnológico e ajustamento produtivo e econômico se abre a fase da qualidade e dos conteúdos: não o simples poder fazer, mas o fazer coisas segundo um estilo”

(TRUPIA, Piero, 2005, p. 322)³

1. INTRODUÇÃO

“A cultura da atualidade está intimamente ligada à idéia de interatividade, de interconexão, de inter-relação entre homens, informações e imagens dos mais variados gêneros. Esta interconexão diversa e crescente é derivada da expansão das tecnologias digitais na última década”.

(DA COSTA, Rogério, 2003. p, 8)

Vivemos cercados de informações, filtros, interfaces. Nossas comunidades também são virtuais, desde sites de relacionamento até ferramentas como o *Twitter*, que permite seguir uma pessoa através de seus *posts* mesmo sem estar conectado à internet, utilizando o celular. A tecnologia extrapola o ambiente técnico e passa a influenciar o social.

O termo “digital” está em todos os lugares: na cultura, na convergência e mais recentemente na televisão. Sobre esta última, Fernando Crocomo diz “O nome – carregado de futuro, de pesquisa em laboratórios – parece anunciar algo distante da população em geral, uma televisão que poucos entendem como será” (CROCOMO, 2007, p.25).

Essa tecnologia que parece distante iniciou oficialmente suas transmissões no Brasil em 02 de dezembro de 2007. A TV digital permite a prestação de serviços até então impossíveis para o sistema televisivo vigente. Entre as mudanças destacam-se: a melhoria na qualidade de som e imagem; portabilidade, capacidade de transmitir conteúdos para aparelhos como celulares, *notebooks* e *palmtops*; interatividade, através da possibilidade de abertura de um canal de comunicação bidirecional, pois a tecnologia digital permite maior fluxo de dados entre receptor e emissor; ampliação da rede, uma vez que no espaço ocupado por uma única emissora analógica, existe espaço para quatro digitais; multiprogramação, a possibilidade de cada emissora transmitir até quatro programas diferentes simultaneamente.

³ TRUPIA, Pietro In: LOPES, Maria I. Vassallo de; BUONNANO, Milly (Org.). **Comunicação social e ética:** Colóquio Brasil-Itália. São Paulo: Intercom, 2005. 376p.



A ampliação da rede e da multiprogramação dependem de um mesmo fator, o tamanho da faixa do espectro eletromagnético que será destinado às emissoras digitais. Atualmente, cada emissora analógica de televisão recebe uma faixa de 6MHz do espectro para transmitir sua programação. Porém, o fato de a TV digital utilizar um espaço menor para transmitir conteúdos gera polêmica com relação a possível ampliação da rede televisiva.

Do ponto de vista legal, as emissoras recebem através das concessões o direito de transmissão de uma única programação através do espaço de 6MHz, regra mantida na outorga de canais digitais. Entretanto, as emissoras defendem que as concessões lhes dão direito, não à transmissão de uma única programação, mas à faixa de 6MHz dentro do espectro, sendo assim, se nesse espaço cabem quatro emissoras (ou quatro programações), todas devem ser exploradas por uma única empresa, surgindo a possibilidade da multiprogramação em detrimento da redistribuição do espectro eletromagnético entre novos programadores.

1.2. Por uma TV Ideal

Ao continuar seu pensamento, Crocomo (2007, p.25) ressalta “Mas, no caminho em busca dessa televisão, pode-se chegar a uma tecnologia muito mais próxima das pessoas do que se imagina”.

Complementando essa idéia, o artigo primeiro do decreto 4.901, que institui o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), descreve os objetivos do projeto, dentre os quais podemos citar os itens:

I - promover a inclusão social, a diversidade cultural do País e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia digital, visando à democratização da informação;

II - propiciar a criação de rede universal de educação à distância;

III - estimular a pesquisa e o desenvolvimento e propiciar a expansão de tecnologias brasileiras e da indústria nacional relacionadas à tecnologia de informação e comunicação;

IV - planejar o processo de transição da televisão analógica para a digital, de modo a garantir a gradual adesão de usuários a custos compatíveis com sua renda;

V - viabilizar a transição do sistema analógico para o digital, possibilitando às concessionárias do serviço de radiodifusão de sons e imagens, se necessário, o uso de faixa adicional de radiofrequência, observada a legislação específica;

VI - estimular a evolução das atuais exploradoras de serviço de televisão analógica, bem assim o ingresso de novas, propiciando a expansão do setor e possibilitando o



desenvolvimento de inúmeros serviços decorrentes da tecnologia digital, conforme legislação específica;

Entretanto, a maneira como o SBTVD foi implementado deixa pistas de que as mudanças no sistema televisivo não serão tão grandiosas quanto as inúmeras propagandas governistas em torno do projeto fizeram crer.

Os dois primeiros itens referem-se ao fato de a TV digital ser vista como um meio capaz de promover a inclusão digital de maneira mais eficaz do que a internet. Os dados do PNAD de 2006 apontam que no Brasil 93% dos domicílios têm televisores contra 22,4% que possuem computadores e 16,9% com acesso à internet (IBGE, 2006). O fato de a TV digital utilizar como plataforma um aparelho que já está presente nas casas da grande maioria dos brasileiros tornaria a inclusão através dessa tecnologia mais acessível, contudo “a exclusão digital possui forte correlação com outras formas de desigualdade social, as taxas mais altas de exclusão digital encontram-se nos setores de menor renda” (SORJ, 2003, p.59) e nada garante que a história dessa nova tecnologia será diferente, pois para que os televisores analógicos possam receber o sinal digital são necessárias adaptações de alto custo.

Por mais que a TV digital chegue à casa desses 93% da população brasileira que possui televisores, ainda assim estará sendo cumprida apenas a primeira etapa do processo de inclusão, relativa ao acesso à tecnologia.

“A desigualdade social no campo das comunicações, na sociedade moderna de consumo de massas, não se expressa somente no acesso ao bem material – rádio, telefone, televisão, internet -, mas também na capacidade do usuário de retirar, a partir de sua capacitação intelectual e profissional, o máximo proveito das potencialidades oferecidas por cada instrumento de comunicação e informação”.

(SORJ, 2003, p. 59)

O incentivo à indústria nacional por meio do desenvolvimento de uma tecnologia brasileira de TV digital, relacionada tanto ao campo técnico quanto da informação e da comunicação, é outro ponto contemplado entre os objetivos do decreto 4.901. Entre as diversas pesquisas financiadas pelo governo no projeto de implantação do SBTVD, foi encomendado o estudo e desenvolvimento de um padrão brasileiro de TV digital. Assim surgiu o Sorcer, que por não contemplar nenhum dos padrões já existentes eliminaria a necessidade de importar equipamentos, os quais poderiam ser produzidos aqui. Entretanto, o sistema foi recusado pelo Ministério das Comunicações em um processo que será explicado no capítulo seguinte.



Com relação aos custos para o usuário, como toda inovação tecnológica, o processo de migração do sistema analógico para o digital ainda tem preços elevados. Ao contrário do que foi anunciado pelo governo, de que em poucos meses os conversores custariam R\$ 200 reais, seis meses depois do início das transmissões, os equipamentos continuam caros e, portanto, inacessíveis à grande parte da população. (Anexo 1)

Os dois últimos pontos citados referem-se às outorgas de canais digitais. Até agora o governo não rediscutiu o modelo vigente de concessão, que obedece muito mais a preceitos políticos do que comunicacionais, ou seja, haverá espaço para mais canais, porém, eles possivelmente continuarão sob domínio das mesmas empresas. Além disso, as próprias emissoras não anunciaram medidas no sentido de aprimorar o conteúdo da programação a fim de explorar a interatividade permitida pela TV digital, bem como a adequação de seus programas à realidade das diferentes regiões do país.

A maior parte dos investimentos feitos pelas empresas que atuam no serviço de televisão analógico para se adaptarem ao novo veículo foram direcionados à produção de imagens de alta definição. Em matéria do site G1, do dia 13 de novembro de 2007, representantes das emissoras Cultura, Globo, Record, Rede TV, Gazeta e Band, falaram sobre as adaptações feitas até o momento para o início das transmissões digitais, dentre as seis, apenas a Gazeta declarou investimentos para o desenvolvimento de conteúdos interativos.

Apesar de a plataforma de interatividade, Ginga, ainda estar em fase de testes, é importante começarmos a discutir formatos de programas que aproveitem ao máximo as novas ferramentas e possibilidade de interação oferecidas pela TV digital, para que o processo não estacione no estágio da inovação técnica, mas passe à fase de produção de conteúdos adaptados à lógica desse meio de comunicação.

Porém, o interesse prioritário na modificação quase que exclusiva dos padrões técnicos de transmissão, é facilmente percebido na análise do padrão adotado no Brasil, o ISDB, modelo japonês, pois, apesar de ser o que melhor responde aos quesitos mobilidade e portabilidade, é justamente o que mais limita as possibilidades de interatividade e a maior diversidade de canais.

1.3. Os Padrões de TV Digital

A TV digital começou a ser elaborada na década de 1970, no Japão, onde foram desenvolvidas as primeiras pesquisas para criação de uma TV de alta definição. No decorrer



dos anos, outros países lançaram-se em projetos com o mesmo objetivo, surgindo então dois modelos de transmissão de imagens em alta definição, o SDTV e o HDTV. Ambas as definições estão disponíveis na TV digital brasileira. Sendo o HDTV o sistema de alta definição e o SDTV a definição padrão, que apesar de bastante superior à qualidade de imagem da TV analógica, ainda é inferior ao HDTV.

Além dos padrões de imagem, surgiram no decorrer das pesquisas diversas formas de explorar a televisão como canal de recebimento e envio de dados, ampliando as possibilidades de interação entre emissor e receptor. Assim foram criados os padrões ATSC (norte-americano), DVB (europeu) e ISDB (japonês).

O projeto do SBTVD foi instituído em novembro de 2003, com a publicação do decreto 4901. A partir de então, o governo federal passou a investir em pesquisas nas mais diversas áreas relacionadas à implantação do novo sistema, uma das quais deu origem a um padrão brasileiro de TV digital, o Sorcer, criado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

“O Sorcer é um sistema de transmissão e recepção (modulação) inovador, genuinamente nacional, concebido de forma a permitir recepção de televisão digital em alta definição fixa e móvel, a mais de 120 Km/h. Diferentemente dos demais sistemas OFDM (sigla em inglês de Multiplicação Ortogonal por Divisão de Frequência, tecnologia de transporte de dados por ondas de rádio) para transmissão de televisão que utilizam um grande número de portadoras (normalmente mais de 8000), o Sorcer utiliza apenas 2048 portadoras, permitindo uma considerável redução de custo no receptor, e, portanto, ao usuário final”.

(Fernando de Castro. Coord. das pesquisas da PUCRS sobre TV digital).

Apesar das vantagens com relação aos custos, mobilidade e distribuição de canais, o sistema nacional foi recusado pelo Ministério das Comunicações, que optou pela adoção do ISDB. O padrão japonês já havia sido indicado como o melhor para ser implantado no Brasil por um grupo de trabalho formado pela Sociedade de Engenharia de Televisão (Set) e pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), no ano 2000, em uma fase embrionária do projeto, ligada ao governo anterior.

Desde essa época já era inegável o interesse das emissoras na adoção da modulação japonesa, uma vez que ela é a única a permitir transmissão de dados para receptores móveis a partir do espaço reservado aos próprios canais de televisão dentro do espectro



eletromagnético, sem a necessidade de passar para a banda de uso da telefonia móvel, evitando assim custos adicionais no procedimento.

A decisão do governo coincide com os interesses das empresas privadas de comunicação.

“(…) A relação de intimidade estabelecida entre os diversos governos e os concessionários de rádio e televisão. Uma influência recíproca onde os chefes do poder executivo outorgam as concessões a partir de critérios privilegiadamente políticos, o chamado clientelismo, e os proprietários de veículos escolhem ministros e ditam as regras que vão regulamentar o setor.”

(CAPPARELLI; SANTOS, 2005 p. 338)⁴

1.4. Repensar a Programação Televisiva em Busca da Interatividade

A escolha do padrão de transmissão é importante sob o ponto de vista da programação, pois é ele que determina a qualidade das ferramentas desse novo meio de comunicação. Além disso, o advento desse sistema de transmissão de informações traz a demanda por profissionais aptos às necessidades do novo campo. No relatório sobre recursos humanos integrante do projeto Sistema Brasileiro de Televisão Digital – SBTVD foram listados vinte novos nichos de atuação profissional relacionados à televisão digital, bem como os cursos de graduação cujas grades curriculares atuais correspondem em grande parte à formação de profissionais que atendem as exigências de cada um desses novos campos.

As funções citadas pela pesquisa como nichos de atuação de profissionais relacionados à comunicação foram: Autor/Roteirista de programas interativos para TV digital; Diretor/Produtor de Programas para TV de Alta Definição; Diretor/Produtor de Programas e Serviços Interativos para TV Digital; *Publisher* de Produtos Multimídia (áudio, vídeo e aplicações) e Gerente de Armazenamento, Catalogação e Indexação.

Dentre as atividades descritas, apenas a última não se relaciona à produção ou interferência direta no conteúdo veiculado pela televisão, portanto, verifica-se a necessidade de discutir maneiras de utilizar o aparato tecnológico da TV digital, a fim de aperfeiçoar a

⁴CAPPARELLI, Sérgio; SANTOS, Suzy In: LOPES, Maria I. Vassallo de; BUONNANO, Milly (Org.). **Comunicação social e ética**: colóquio Brasil-Itália. São Paulo: Intercom, 2005. 376p.



programação televisiva, permitindo uma melhor adequação entre o conteúdo das programações nacionais e regionais, de modo que, o advento dessa tecnologia, não traga melhoras apenas na qualidade de som e imagem recebidos pelos televisores, mas permita que diversas outras ferramentas disponíveis na TV digital sejam utilizadas na abertura de canais para veiculação de uma maior diversidade de informações, bem como de comunicação entre emissor e usuário.

Repensar os formatos dos programas televisivos não é necessário apenas devido o advento da tecnologia digital, a própria TV analógica, há tempos consolidada enquanto meio de comunicação de massa, é criticada no conteúdo que transmite.

“Entre os meios contemporâneos, a TV, se atrasa na fase primitiva da exibição da espetacularidade técnica, na infância expressiva (sons, luzes, *strass* e *paillets*). Não por um limite técnico, mas por uma intenção produtiva, por sua vez determinada por um vínculo econômico”.

(TRUPIA, 2005. p. 325)

As mudanças permitidas pela tecnologia digital na relação emissor-receptor abrem a possibilidade de transformação da experiência de recepção, tirando o receptor da posição de telespectador com limitado ou quase nenhum poder de interferência, levando-o a se portar como um usuário participativo daquele serviço, com o qual pode interagir segundo uma lógica até então aplicada quase que exclusivamente à internet. Esse modelo de interatividade pode ser descrito como “Uma convivência entre formatos que utilizam a oralidade com portais que utilizam o hipertexto e que exigem a ‘navegação’ na tela da TV” (CROCOMO, 2007. p. 32) . Sendo assim, a lógica da internet não é meramente copiada, mas adaptada às especificidades da televisão.

Atualmente, verificam-se experiências de interação com o público na TV analógica, entretanto, essa relação ainda ocorre de maneira muito precária e por vezes a utilização do temo é banalizada.

“No atual processo de transição da TV analógica para a TVDI e nesses tempos de internet, a palavra interatividade tem sido usada de maneira exagerada, correspondendo mais a um ‘discurso de modernidade’ do que necessariamente ao uso criativo de recursos interativos. Na maioria das vezes, o apelo é apenas comercial, ou seja, o usuário acaba tendo que pagar pela participação em atrações supostamente ‘inovadoras’”. (CROCOMO, 2007. p. 79)



Apesar das novas possibilidades trazidas no plano da interatividade, as emissoras de TV brasileiras não têm se preocupado em desenvolver modelos de programação que utilizem esses novos recursos. Percebe-se que não há interesse na ampliação do canal de comunicação com o usuário, sobretudo no sentido inverso ao habitual, ou seja, na direção receptor-emissor.

Entre as emissoras que se pronunciaram até agora com relação aos investimentos na adaptação de programas para o formato digital, apenas a TV Gazeta declarou esforços para trabalhar as possibilidades de interação com o espectador e de melhor adequação dos conteúdos às realidades locais, enquanto as demais (Cultura, Globo, Record, rede TV e Band) limitaram-se à compra de equipamentos para produção de imagens em alta definição.

1.4. O local diante da TV Digital

Em Belém, onde o cronograma da TVDI prevê a chegada do sinal digital para o final de 2009, apenas a TV Liberal, emissora afiliada da Rede Globo, declarou investimentos para se adaptar à nova tecnologia. Em março desse ano a emissora divulgou uma matéria em seu portal de notícias anunciando a importação de um transmissor digital. Na mesma reportagem o Superintendente da TV Liberal, Fernando Nascimento, declarou que a Rede Globo decidiu antecipar em um ano o prazo de implantação do serviço, portanto as transmissões de TV digital seriam iniciadas em Belém ainda no ano de 2008. **(Anexo 2)**

Em contraposição ao adiantamento da TV Liberal, o dirigente da TV Cultura do Pará diz que a prioridade da emissora atualmente é a expansão o sinal analógico pelos municípios do interior do Estado, preocupação semelhante à da TV Record de Belém que tem como objetivo prioritário a implantação de programação local no canal Record News.

2. Considerações Parciais

O presente artigo traz reflexões iniciais sobre a TV digital e o contexto da implantação desse veículo no Brasil. As idéias aqui expostas serão detalhadas em um futuro Trabalho de Conclusão de Curso.

A tecnologia da TV digital já é realidade e em breve estará nas casas de um número cada vez maior de brasileiros, entretanto, como todo novo meio de comunicação ela surge dentro de uma sociedade que ainda não está preparada para a sua dinâmica.

Sendo assim, o presente estudo visa provocar a reflexão sobre a necessidade de criação de novos formatos de programas televisivos adequados à nova realidade digital que



aproveitem o máximo de ferramentas disponíveis, sobretudo aquelas relacionadas à interatividade com o usuário e adequação dos conteúdos à diversidade cultural, em termos regionais, do Brasil.

Assim como a internet inicialmente foi muito utilizada como simples instrumento de digitalização de materiais pré-existentes, sabe-se que a TV digital também não terá todas as suas potencialidades trabalhadas nesse primeiro momento. Entretanto, assim como a internet, que agora apresenta conteúdos pensados exclusivamente para a *web*, é necessário que a TV digital também não fique estagnada na fase de reprodução dos formatos de programas já existentes, mas que passe a abrigar também formatos exclusivos adaptados às suas especificidades e que, preferencialmente, permitam a interação com o usuário.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Decreto-Lei nº. 4901, de 26 de novembro de 2003. Institui o Sistema Brasileiro de Televisão Digital – SBTVD, e dá outras providências. **Diário Oficial** [da União], Brasília, 27 nov. 2006.

CONHEÇA os planos das emissoras para a TV digital. **G1**, São Paulo, nov. 2007. Seção Tecnologia. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL178244-6174,00.html>>

CROCOMO, Fernando Antônio. **TV digital e produção interativa: a comunidade manda notícias**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. 178p.

DA COSTA, Rogério. **A Cultura digital**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

DEPOIS de seis meses, conversores para TV digital continuam com preços elevados. **Agência Brasil**, São Paulo, jun.2008. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/06/01/materia.2008-06-01.2917827632/view>>

GRADI, Marcos. TV digital, o debate continua. **Revista Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, 2006. Disponível em: <<http://www.cidadenova.org.br/newsite/BibliotecaArtigos/RevistaMateria.asp?art=2233>>

LOPES, Maria I. Vassallo de; BUONNANO, Milly (Org.). **Comunicação social e ética: Colóquio Brasil-Itália**. São Paulo: Intercom, 2005. 376p.

LOREA, Eduardo. Entrevista do mês: o padrão nacional que o ministro descarta. **Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (FNDC)**, fev. 2006. Seção Notícias. Disponível em: <http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=14200>



SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003.

THOMÉ, Francisco A. **As Alterações Sociais, os Debates e o Crescimento do Mercado de Nicho com O Sistema de Televisão Digital no Brasil**. [S.I]: Artigo Científico, 2007. Disponível em: <<http://www.artigocientifico.com.br/artigos/?mnu=1&smnu=5&artigo=2238>>

TV LIBERAL será 100% digital até dezembro de 2008. **Portal ORM**, Belém, mar. 2008. Disponível em: <http://www.portalorm.com.br/plantao/comentar.asp?id_noticia=327144>



(Anexo 1.)

Depois de seis meses, conversores para TV digital continuam com preços elevados*

Petterson Rodrigues
Repórter da Agência Brasil

São Paulo – A TV digital completa hoje (2) seis meses de transmissão no Brasil. Na região metropolitana de São Paulo, a primeira a receber o sinal, poucos modelos de conversores estão à venda no mercado de produtos eletrônicos e a procura pelos aparelhos ainda é pequena. O aparelho conversor é usado para que a TV que funciona no sistema convencional, chamado analógico, receba o sinal digitalizado.

Vendedores de seis lojas que ficam na região de Santa Ifigênia, principal núcleo do comércio de produtos eletroeletrônicos da cidade de São Paulo, informaram que continua pequena a procura pelos conversores. Os preços nessas lojas variam entre R\$ 780 e R\$ 1.080. Em três portais de venda pesquisados na *internet*, os preços variam de R\$ 489 a R\$ 1.099.

Os preços continuam os mesmos de quando a TV digital foi implantada, em dezembro de 2007. Segundo informações da assessoria de imprensa da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), quatro empresas atualmente estão produzindo conversores na região e outras nove estão em fase de implantação. De acordo com a Suframa, de janeiro a março de 2008, a produção de conversores foi de 14.619 unidades.

Em entrevista coletiva no fim do ano passado, o ministro das Comunicações, Hélio Costa, disse que em poucos meses o preço do conversor chegaria a R\$ 200,00. Na ocasião ele pediu paciência aos consumidores.

A assessoria de imprensa da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amazonas informou que todas as empresas que já produzem conversores e que estão em fase de implantação tiveram seus projetos aprovados e têm incentivo fiscal do estado.

A Suframa alega que não há nenhum acordo para que os fabricantes coloquem os conversores com preços sugeridos e mais baixos, e que tudo “vai depender do mercado”. Apenas um fabricante, a Proview Eletrônica do Brasil, que ainda está em fase de implantação na Zona Franca de Manaus, conseguiu chegar a um protótipo com preço final próximo a R\$ 200,00.

A Agência Brasil entrou em contato com a empresa para saber quando os conversores estarão no mercado e confirmar a faixa de preço, mas a secretaria da presidência da Proview informou que ninguém poderia falar.

De acordo com a Secretaria de Planejamento, as empresas têm “obrigação legal, na prática uma contrapartida aos incentivos fiscais” que recebem do estado, de instalar o empreendimento e “garantir a arrecadação de impostos e geração de emprego”. Em relação ao preço “é uma condição estabelecida pelo mercado”, mas no caso dos conversores, houve um acordo “informal” para que os aparelhos tivessem preços acessíveis.

O presidente do Sindicato das Indústrias de Aparelhos Eletro, Eletrônicos e Similares de Manaus, Wilson Périco, disse que o preço final ao consumidor não chegará ao valor previsto



pelo ministro. “Já existem decodificadores na faixa de R\$ 200,00, como preço final da fábrica. Para Périco, além do conversor, em alguns casos, ainda tem o preço da antena, do cabo, dependendo da distância até o conversor, e da instalação, o que acaba encarecendo e afastando os consumidores. Ele faz críticas ao modelo brasileiro e à forma como a TV digital foi apresentada à população.

“O produto em si não tem uma qualidade e o *marketing* foi feito de maneira equivocada. O governo precisa fazer um *marketing* verdadeiro e mostrar os benefícios reais do sistema para ter maior comercialização do produto. O consumidor não consegue enxergar vantagem suficiente para comprar”.

Périco lembrou da época em que o Brasil passou a ter TV em cores. “Quem ia a uma casa que tinha TV colorida se sentia motivado a comprar. Hoje, quem vai à casa de quem tem TV digital não se sente motivado a tê-la”.

De acordo com o cronograma da TV digital, Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Rio de Janeiro e Salvador têm até julho deste ano para operar comercialmente o sistema. O Rio de Janeiro recebeu autorização do governo para operar com sinal digital em janeiro e as emissoras estão realizando testes. O mesmo já ocorre em Belo Horizonte.

*Matéria publicada em 2 de junho de 2008



(Anexo 2)

TV Liberal será 100% digital até dezembro de 2008

06/03/2008 - 9h27m

Até dezembro deste ano a TV Liberal será 100% digital. O presidente executivo das Organizações Rômulo Maiorana (ORM), Rômulo Maiorana Júnior, fechou na quarta-feira (5), o contrato de compra dos transmissores digitais com a empresa japonesa NEC Corporation. A TV Liberal será a primeira emissora paraense a disponibilizar a nova tecnologia de transmissão aos seus telespectadores. O novo transmissor é a primeira parte de um programa de investimentos da emissora em TV digital, que deverá ficar na ordem de US\$ 10 milhões.

Segundo explica o superintendente da TV Liberal, Fernando Nascimento, os telespectadores podem ficar tranquilos que os dois sinais (analógico e digital) ainda ficarão funcionando juntos durante pelo menos 10 anos, conforme está previsto na regulamentação do governo federal para a TV digital brasileira. Dessa forma, o canal 7 (analógico) continuará funcionando, paralelamente, ao canal 21 (digital), que transmitirá a programação da TV Liberal digital.

Porém, quem quiser ter acesso ao novo serviço e tiver televisão com sinal analógico terá que adquirir um conversor de sinal, o 'setop box'. Segundo o diretor de tecnologia da TV Liberal, Dênis Brandão, o aparelho custa, atualmente, entre R\$ 700,00 e R\$ 1 mil. 'Mas a tendência é que esse valor caia bastante após a implementação da TV digital em todo o País', garante o diretor.

O gerente de negócios de TV da NEC Corporation, José Yugi Ito, destaca que o Brasil deverá ter o melhor padrão de TV digital do mundo. É que, segundo ele, o padrão brasileiro está baseado no japonês, só que acrescido de todas as últimas inovações tecnológicas já implementadas mundialmente. De acordo com ele, a TV Liberal deverá ser a primeira emissora da região Norte do País a se tornar 100% digital.

Fernando Nascimento ressalta que o governo federal estabeleceu como prazo limite dezembro de 2009 para as emissoras brasileiras se adequarem ao padrão digital. Porém, conforme ele, a Rede Globo resolveu antecipar em um ano o prazo e oferecer o serviço em primeira mão aos seus telespectadores de todo o País.

A TV digital traz como principais vantagens: transmissão de alta definição, possibilidade de ser portátil (acessar no celular, por exemplo, sem pagar nada por isso) e interatividade. Sobre esse último item (interatividade), Dênis Brandão explica que ao assistir a um programa de televisão em que esteja sendo mostrado algum produto, o telespectador poderá acessar um comando no qual ele poderá ver quanto ele custa e até comprá-lo.

O diretor de controladoria das ORM, Deijair Uchôa, também esteve presente no fechamento do contrato de compra do novo transmissor. Além do novo transmissor digital, a TV Liberal também adquiriu um novo transmissor analógico, que deverá entrar em funcionamento ainda neste mês. O objetivo é garantir a qualidade do sinal analógico aos telespectadores durante todo o período de transição entre os sinais analógico e digital.